

RESENHA

NAYYAR, Deepak. *A corrida pelo crescimento: países em desenvolvimento na economia mundial*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2014. 320 p.

Roque João Tumolo Neto¹

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.39.450-461>

O livro “A corrida pelo crescimento: países em desenvolvimento na economia mundial”, publicado em 2014, é um trabalho do economista Deepak Nayyar, professor emérito de Economia da *Jawaharlal Nehru University*, Nova Déli e presidente do Centro de Estudos das Sociedades em Desenvolvimento. *Fellow* honorário do *Balliol College* em Oxford e *Senior Fellow* do *Schwarz Centre for Economic Policy Analysis* na *New School for Social Research* de Nova Iorque, Nayyar também foi laureado com o título de *Distinguished University Professor* de Economia da *New School for Social Research* de Nova Iorque.

Presidente da *Sameeksha Trust*, responsável pela publicação do periódico *Economic and Political Weekly*, Nayyar atuou como presidente do *Board of Governors* do *World Institute for Development Economics Research*, UNU-Wider, em Helsinque, de 2001 a 2008 e como vice-presidente da *International Association of Universities*, em Paris, de 2004 a 2008.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo ICS/Ceppac/UnB, mestre em Desenvolvimento Sustentável pelo CDS/UnB, especialista em Gestão Ambiental pela UFF e Gestão Pública e Sociedade pela UFT e graduado em História pela PUC-RJ. Atua profissionalmente como Coordenador de Biodiversidade e Ecossistemas no Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações e como professor no curso de Geografia do Centro Universitário Projecão em Brasília-DF. rjneto@yahoo.com.br

Participou do *Board of Directors of the Social Science Research Council* nos Estados Unidos de 2001 a 2007 e foi presidente do *Advisory Council for the Department of International Development* na *Queen Elizabeth House* da Universidade de Oxford de 2004 a 2007. Também é presidente da *Indian Economic Association* e faz parte do Conselho Editorial de muitos periódicos profissionais.

Nayyar foi membro do *National Knowledge Commission* na Índia e do *World Commission on the Social Dimension of Globalization*. Atuou como diretor do *Boards of State Trading Corporation of India*, do *State Bank of India*, do *Export-Import Bank of India*, do *Maruti Udyog and Steel Authority of India Limited* e, mais recentemente, vem atuando como diretor do *Boards of Oil and Natural Gas Corporation and Icrs*.

Suas pesquisas concentram-se nas áreas de economia internacional, macroeconomia e economia do desenvolvimento. Escreveu livros e artigos sobre uma vasta gama de assuntos, incluindo políticas de comércio, estratégias de industrialização, estabilização macroeconômica, ajuste estrutural, liberalização econômica, teoria do comércio, macropolítica, migração internacional, sistema de comércio multilateral, economia mundial e, particularmente, sobre o desenvolvimento econômico da Índia.

O livro em questão foi lançado pela Editora Contraponto, com 320 páginas, distribuídas em 9 capítulos, neles já considerados o prólogo e o epílogo. Pode-se afirmar que o texto divide-se em três partes, sendo a primeira composta pelos capítulos 2 e 3, que faz uma espécie de diagnóstico do subdesenvolvimento, analisando o declínio dos países em desenvolvimento entre os anos de 1820 e 1950; a segunda, composta pelos capítulos de 4 a 8, trata da busca pelo emparelhamento pelos países em desenvolvimento, analisando o período vivido por esses países de 1950 a 2010; e a terceira contempla o futuro desses países imersos que estão na economia mundial. Os capítulos são densos, mas de leitura fluída e agradável, contendo descrições e análises, quadros, tabelas e gráficos, acrescidos, ao final, de índice remissivo, notas e um apêndice, contendo extensa lista de fontes estatísticas e notas.

Neste livro, os países em desenvolvimento são definidos como elementos constituintes da África, Ásia – exceto o Japão – e América Latina, incluindo-se nesta o Caribe. O objetivo da obra é propor uma análise da evolução dos países em desenvolvimento na economia mundial, situada em uma perspectiva histórica de longo prazo do raiar do segundo milênio ao ano de 2010, com foco na segunda metade do século 20 e inícios do 21.

O autor começa fazendo um diagnóstico da economia mundial ao longo dos últimos dois mil anos. Dirá que no âmbito da história mundial, a distinção entre países industrializados e em desenvolvimento, ou, como alterna Nayar ao longo do texto, entre nações ricas e pobres, é relativamente recente. Para o autor, tal distinção fica realmente evidente a partir do último quartel do século 19. Na verdade, segundo o autor, há mil anos, Ásia, África e América do Sul – não havia a ideia de América Latina ainda –, conjuntamente, detinham mais de 80% da população e da renda mundial, grande parte delas concentradas em dois países asiáticos apenas: China e Índia.

A enorme importância desses três “continentes-mundo”, na expressão de Nayar, na economia mundial, manteve-se inalterada por 500 anos, de 1000 até cerca de 1500, quando, algumas décadas mais tarde, em inícios dos anos 1600, um movimento de mudança tornou-se perceptível, perdurando até o final dos anos 1800. As viagens do descobrimento e a colonização das Américas foram momentos de inflexão, alavancando o comércio que, apoiado no poderio estatal e naval e arejado com os ventos das mudanças sociais, políticas e institucionais que, concomitantemente, ocorriam na Europa naquele período, criaram as condições críticas para o desenvolvimento capitalista.

Em meados dos anos 1800 as similaridades entre a Europa e a Ásia eram muito mais expressivas do que suas diferenças, mesmo no tocante à demografia, à tecnologia e às instituições. A revolução industrial inglesa, iniciada na segunda metade do século 18 e que se espalhou pela Europa nos 50 anos seguintes, exerceu uma profunda influência nas mudanças ocorridas na sequência.

Ainda no início do texto, o autor salientará que, por volta de 1820, Ásia, África e América do Sul detinham 3/4 da população mundial e 2/3 da renda mundial, considerando que a Índia e a China, conjuntamente, detinham 50% desse total. A dramática transformação da economia mundial começou a ser sentida por volta dessa década e devagar, mas, marcadamente, a divisão do mundo com base em fronteiras geográficas se transformou em uma divisão com base em fronteiras econômicas.

O autor então começa suas análises afirmando que, nesse contexto temporal, a forte expressão econômica que até aquele momento do século 19 detinham a Ásia, a África e o que viria a se constituir como a América Latina, sofreu forte abalo. Por volta de 1950 já se podia notar uma assimetria do quinhão populacional representativo dessas três regiões sobre a população mundial, que passou de 75% para 66%, enquanto sua renda declinou de 66% para 25% do montante global. De maneira diversa, entre os anos de 1820 e 1950, a Europa, a América do Norte e o Japão alteraram seu quinhão populacional representativo de 25% para 33% do total mundial, enquanto sua renda escalou de 33% para 75% do montante global.

O autor avança em seu texto e dirá que a Europa Ocidental capitaneou essa mudança até cerca de 1870, cabendo aos Estados Unidos esse papel daí em diante. O declínio daquelas outras três regiões concentrou-se na Ásia, China e Índia, particularmente, enquanto a América Latina configurou-se como uma exceção, mantendo-se simétrica à Europa e à América do Norte, apesar da grande divergência na renda *per capita* ser sua maior marca.

Em um curto período de 130 anos, entre 1820 e 1950, tomando-se por base um porcentual do Produto Interno Bruto da Europa Ocidental, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, o Produto Interno Bruto *per capita* da América Latina caiu de 60% para 40%, o da África de 35% para 15% e o da Ásia de 50% para 10% dos níveis registrados para a Europa e Estados Unidos. Além disso, entre 1830 e 1913, o quinhão atribuído à Ásia, África e América Latina na produção mundial de manufaturas, em grande medida

sob a responsabilidade da China e da Índia, colapsaram de 60% para 7,5% do montante global, enquanto a participação europeia, norte-americana e japonesa subiu de 40% para 92%.

Nayyar dirá que a escalada desses percentuais perdurará até 1950, fruto da industrialização europeia e da desindustrialização asiática, e que os dois processos representaram dois lados de uma mesma moeda, levando ao que se costuma chamar de superespecialização, que se traduz na exportação de manufaturas pelos Estados Unidos e Europa e na exportação de produtos primários pela Ásia, África e América Latina.

Seguindo com a análise, Nayyar mostrará que o século de 1850 a 1950 testemunhou uma progressiva integração desses três continentes à economia mundial por meio do comércio e da migração internacional, os quais geraram e instituíram uma divisão do trabalho entre países, tendo sido perniciosa quanto a uma simetria do desenvolvimento entre eles. O resultado foi o declínio asiático e um retrocesso africano. A América Latina, por sua vez, saiu-se bem melhor que essas duas outras regiões neste período pós-colonial iniciado no primeiro quartel do século 19, excetuada a questão da renda. Desta forma, por volta de 1950, o abismo entre os países ricos e industrializados e os países pobres e subdesenvolvidos era já muito acentuado.

Durante seis décadas, de 1950 a 2010, as mudanças na participação dos países em desenvolvimento nos resultados globais e níveis de renda *per capita*, comparativamente ao dos países industrializados, tomaram uma trajetória diferente daquela de até então e apontaram para uma convergência. A participação dos países em desenvolvimento nos resultados globais reverteu sua continuada queda por volta de 1960, quando representava 25% do montante global de produção, e cresceu rapidamente, principalmente após 1980, chegando a um percentual de 50% por volta de 2008.

Também a crescente diferença do Produto Interno Bruto *per capita* cessou sua escalada por volta de 1980 e foi seguida de uma modesta convergência daí em diante, de tal sorte que, proporcionalmente ao Produto Interno

Bruto *per capita* dos países industrializados, esse porcentual chegou a 20% em 2008. Devidamente considerada em preços correntes e ajustada pelas taxas de câmbio, que podem oferecer uma noção comparativa adequada, entre 1970 e 2010 a participação dos países em desenvolvimento no Produto Interno Bruto global dobrou de 16% para 33%, enquanto sua participação no Produto Interno Bruto *per capita*, como uma proporção da dos países industrializados, registrou um modesto incremento de pouco menos de 7% para 10%, deixando claro a enorme diferença ainda existente nesse quesito. Dobrou-se a participação na produção global com pouco efeito sobre o Produto Interno Bruto *per capita*, deixando evidente a discrepância dos termos de troca oriundos da continuada especialização da produção.

Esta discrepância no crescimento das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto entre esses dois grupos de países expressou a crescente participação dos países em desenvolvimento no Produto Interno Bruto global ante ao declínio das taxas de participação dos países industrializados. Assim, durante o período de 1950 a 1980, a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto dos países em desenvolvimento foi maior do que aquela registrada nos já desenvolvidos, o que é curioso porque essas três décadas coincidem com o momento áureo do capitalismo no mundo industrializado, com um crescimento econômico sem precedentes. Para os países em desenvolvimento isso correspondeu a um desempenho nunca verificado em anos anteriores; de igual forma, essas taxas foram extremamente mais significativas para os países desenvolvidos do que aquelas verificadas anteriormente.

Durante o período de 1981 a 2008, a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto nos países em desenvolvimento foi quase o dobro daquela registrada pelos industrializados. A taxa de crescimento do Produto Interno Bruto *per capita*, por sua vez, que tinha sido baixa até 1980 por conta da alta taxa de crescimento populacional, viria a cair nos anos posteriores, aumentando o porcentual *per capita* do Produto Interno Bruto dos países em desenvolvimento.

O engajamento dos países em desenvolvimento à economia mundial, que havia experimentado um declínio durante o período de 1950 a 1980, comparativamente às décadas anteriores, recuperou-se por volta de 1980 e incrementou-se daí em diante até cerca de 2010. Esta maior participação refletiu-se na taxa de câmbio, haja vista que a importação e a exportação mais que dobrou sua participação no mercado internacional nesse período, saindo de 20%, em 1970, para mais de 40%, em 2010.

O autor se debruça, então, sobre aspectos migratórios. Dirá que a migração de pessoas dos países em desenvolvimento para os países industrializados materializou-se como uma importante forma de engajamento, apesar de as leis draconianas de imigração restringirem os fluxos dos países em desenvolvimento para os países industrializados. Ressaltará que a globalização trouxe novas formas de relações de trabalho, contemplando trabalhadores convidados, imigrantes ilegais e profissionais qualificados. Este forte movimento migratório afetou profundamente a economia mundial, refletindo-se no aumento da produtividade e no maior dinamismo econômico no mundo industrializado. Além disso, as remessas financeiras, efetuadas pelos migrantes aos seus locais de origem, tornaram-se fonte de recursos financeiros para os países em desenvolvimento.

Está claro que durante a segunda metade do século 20 e a primeira década do 21, ocorreu o que ele chamará de emparelhamento, ou *catching up* em inglês. Este *catching up* foi substancial no que diz respeito aos países em desenvolvimento, alternando, e mesmo revertendo, situações anteriores. Curiosamente, contudo, para que se tenha uma visão panorâmica do processo e do impacto da discrepância continuada dos termos de troca no longo prazo, o autor afirmará que em 2008 a participação dos países em desenvolvimento no Produto Interno Bruto global era próxima ao que fora em 1850, enquanto o Produto Interno Bruto *per capita* assemelhava-se ao que fora em 1900. Por sua vez, a participação dos países em desenvolvi-

mento no comércio internacional em 1970 era a mesma que fora em 1913, e a participação em investimento externo era semelhante àquela da virada do século 19 para o 20.

Nesse sentido, Nayyar apresenta alguns dados. Dentre eles alguns dizem respeito à participação dos países em desenvolvimento na produção industrial mundial, fazendo ver que essa participação permaneceu inalterada de 1913 até 1970 e que, alguns anos depois, em 2010, apesar de ser 40% maior do que fora em 1860, estava próxima do que havia sido em 1850. Assim, dirá que, de modo geral, é plausível sugerir que a participação financeira dos países em desenvolvimento na economia mundial em 2030 será a mesma que era em 1820.

Houve um significativo *catching up* no que concerne à industrialização nos países em desenvolvimento a partir de 1950, com seu pico por volta dos anos de 1970. Mudanças estruturais ocorreram na composição dos resultados e do emprego, e a participação desses países em desenvolvimento na produção industrial saltou de 8% para 33% em preços constantes, ou para 40% em preços correntes. Ademais, também subiu a participação desses países na exportação de manufaturados, que passou de 8% para 40%. Inegável, e isso há que ser salientado, segundo o autor, é que a industrialização ocasionou uma profunda mudança na composição dos itens de troca, mas não alterou seus termos.

Nayyar foca, então, na distribuição geográfica dessa industrialização e seu impacto social. Verificou que a industrialização não se distribuía regionalmente de forma uniforme e que a Ásia liderou o processo em termos de mudanças estruturais, produção industrial, crescimento da exportação de manufaturas e mudanças nos padrões de comércio, enquanto a América Latina experimentou poucas mudanças e a África praticamente nenhuma.

Analisando o resultado dessas ações, dirá que os resultados observados em termos de produção industrial foram consequência das estratégias de desenvolvimento e das políticas econômicas levadas a efeito no momento

pós-colonial, as quais criaram as condições iniciais e estabeleceram os fundamentos dos processos de desenvolvimento nos países de industrialização tardia.

Nesse sentido, as políticas de substituição de importações estruturaram o processo de industrialização e tiveram papel fundamental nesse processo de *catching up*. Há especificidades e nuances, mas é claro que o papel do Estado na geração de políticas, no desenvolvimento de instituições e nas intervenções estratégicas, seja como capitalista seja como líder do processo, foi decisiva. Na visão do autor, a industrialização não se traduz em termos de preços ótimos, como normalmente o *mainstream* econômico quer nos fazer acreditar, mas na intervenção estatal adequada.

Na verdade, é plausível sugerir que, por um período, o processo de industrialização pode mesmo se beneficiar de preços que não refletiam os custos da produção aplicados à lógica do mercado. Nesse entendimento, dirá Nanyar que a intervenção estatal, na forma de políticas industriais, deveria, ao menos em tese, levar em conta que a teoria das vantagens comparativas pode não ser no longo prazo tão vantajosa, pois não se pode desconsiderar que é também plausível que o desenvolvimento, calcado no industrialismo, seja uma escada que, na maior parte das vezes, conduz de degrau em degrau, mas que pode, às vezes, e isso é decisivo, fazer pular alguns deles, levando o candidato ao desenvolvimento por um caminho mais vantajoso do que aquele no qual as vantagens comparativas estabelecidas pela economia tradicional ricardiana indicam como o mais adequado.

De qualquer modo, isso não aconteceu àqueles que hoje compõem o rol dos países desenvolvidos em razão das forças do mercado, tendo sido fundamental a intervenção estatal para esses países, como, decerto, é para os países ora em desenvolvimento. O uso de tecnologias inovadoras importadas e a capacitação de seus usuários, tanto do ponto de vista técnico quanto da gestão, o fomento às empresas e ao empreendedorismo em suas mais varia-

das formas, são elementos viabilizadores de qualquer processo de *catching up* que tenha como foco a industrialização, cabendo ao Estado sedimentar esse processo em seu momento inicial.

No caso dos países hoje em desenvolvimento, a criação das condições infraestruturais para a industrialização ocorreu *pari passu* a projetos de industrialização e capacitação gerencial e técnica que permitiram sua eclosão, de tal forma que os resultados dessa industrialização já eram bastante visíveis por volta de 1970 e, como já salientado pelo autor, isso não ocorreu por sorte, mas, em boa medida, pela não aderência a fundamentos econômicos ortodoxos.

Seguindo com as análises, Nayyar dirá que a distribuição do *catching up*, no que concerne à industrialização, ocorreu diferenciadamente não somente entre essas três regiões – Ásia, África e América Latina –, mas também entre os países no interior dessas regiões. Houve alta concentração entre uns poucos: Argentina, Brasil, Chile e México na América Latina; China, Índia, Indonésia, Malásia, Coreia do Sul, Formosa, Tailândia e Turquia na Ásia; Egito e África do Sul na África. Disso resulta que o significado econômico desses países em desenvolvimento, que o autor chama de “os próximos 14”, é, para todos os efeitos, considerável. Os determinantes dessa concentração foram o tamanho geográfico, o crescimento e a história. As diferenças entre esses poucos, contudo, não podem ser desconsideradas. Dentre essas diferenças, os oito países asiáticos tendem a iniciar um processo de convergência entre si, os quatro países latino-americanos mantêm suas posições inalteradas, enquanto os dois países africanos distanciam-se.

Há diferenças entre os “próximos 14” também no que diz respeito a objetivos, ênfase, posições, parâmetros e modelos, mas há três aspectos em comum que colaboram para sustentar o processo de industrialização nesses países: as condições iniciais, as instituições existentes e o papel do Estado como agente capitalista ou líder do processo.

Caminhando para o final das análises, Nayyar dirá que no processo de *catching up* há dois desafios a serem enfrentados pelos países de industrialização tardia, líderes e seguidores indistintamente. Há a necessidade de se criar mecanismos de controle no seio das instituições que imponham disciplina ao comportamento econômico, tanto para a iniciativa privada quanto para o setor público, e também é necessário desenvolver a capacidade tecnológica pública e privada das instituições, de forma que estas se coloquem além do horizonte tecnológico imediato ao menos em alguns setores.

Complementarmente dirá que a era do *catching up* – 1950-2010 – tem sido associada ao surgimento de discrepâncias na economia mundial. Primeiramente, há no todo uma enorme desigualdade internacional entre países e populações e, mesmo em momentos de emparelhamento em que tal desigualdade parece querer ceder, retirados a China e a Índia do comércio, esta desigualdade cresce rapidamente, mesmo após 1980. Ademais, se desconsiderarmos esses dois países uma unidade e os dividirmos em partes, a desigualdade aumenta consideravelmente. Há, portanto, uma falsa ideia de que a desigualdade, mesmo nesses dois países, esteja sendo superada de forma a abarcar toda a sua gigantesca população. De modo geral, portanto, a desigualdade entre os diferentes grupos populacionais humanos no planeta persistiu elevada durante a segunda metade do século 20.

Em segundo lugar, o processo do emparelhamento esteve associado à exclusão do processo de desenvolvimento tanto de países em desenvolvimento quanto, internamente, de algumas de suas regiões. Observou-se uma gritante disparidade entre os 48 países em desenvolvimento que não compõem a liderança do processo levada a efeito pelos “próximos 14” em relação ao mundo desenvolvido, no que se refere ao Produto Interno Bruto *per capita*. Diferentemente, verificou-se uma convergência significativa em termos *per capita* desses 14 países aos padrões do mundo desenvolvido, mas, mesmo assim, com a exclusão de algumas de suas regiões ao processo de emparelhamento.

Em terceiro lugar, o rápido crescimento econômico dos países em desenvolvimento enfatiza o emparelhamento em termos de renda agregada, tornando-se um emparelhamento desprovido de significação, uma vez que

enriquece alguns grupos privilegiados e deixa à margem a maior parte da população comum. Particularmente quanto a esse ponto, o autor justificará seu entendimento afirmando que, durante o período de 1981 a 2008, a porção da sociedade vivendo abaixo da linha da pobreza de dois dólares americanos por dia diminuiu um pouco, passando para a faixa superior de renda, mas um número considerável de pessoas vivendo abaixo desse patamar manteve-se elevado e que, mal redefinindo esse quadro de desigualdade, o número de pessoas vivendo entre esses dois referenciais dobrou neste período.

Dentre as conclusões a que chega o autor, uma fala particularmente alto àqueles que identificam crescimento econômico ao desenvolvimento, sem analisá-lo no contexto macro histórico. Apesar de todo esse movimento, o número de pobres é muito elevado não somente na África Subsaariana, mas também na Ásia, apesar da industrialização, do rápido crescimento econômico e da participação desses países asiáticos na renda mundial verificada no período. Em certo sentido, a mesma avaliação pode se estender para todos os “próximos 14” que lideram o processo de emparelhamento. Neles, a desigualdade entre os grupos sociais mantém-se alta ou vem aumentando, sendo a concentração de renda a marca maior dessas sociedades.

Finalizando, podemos seguramente afirmar que “A corrida pelo crescimento: países em desenvolvimento na economia mundial”, além de ser um excelente livro para cursos voltados especificamente às questões do desenvolvimento, deve ser lido por todos aqueles interessados na temática que, desde Adam Smith, trata da riqueza das nações. Apesar de seu caráter acadêmico, a obra não se prende excessivamente a detalhes e cumpre bem o papel de instruir o público leigo sobre a temática abordada. Trata-se de um livro panorâmico que, embora não se prenda a detalhes, fica longe de ser superficial.

Recebido em: 9/8/2016

Accito em: 14/10/2016